

PADRE CÍCERO

Copyright © 2009 by Lira Neto

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Apoio

Banco do Nordeste 

 **BICBANCO**
Desde 1938

Capa e projeto gráfico
Hélio de Almeida

Foto de capa
Acervo de Assunção Gonçalves (Juazeiro do Norte)

Quarta capa
Jagunços que lutaram em nome do padre Cícero, em 1914, durante a chamada Sedição de Juazeiro (Acervo Renato Casimiro e Daniel Walker)

Preparação
Isabel Jorge Cury

Índice remissivo
Luciano Marchiori

Revisão
Huendel Viana
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Neto, Lira
Padre Cícero : poder, fé e guerra no sertão / Lira Neto. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1558-7

1. Cícero, Padre, 1844-1934 2. Devoções populares
3. Juazeiro do Norte (CE) - História 4. Sacerdotes - Brasil - Bibliografia I. Título

09-09998

CDD-922.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Padres católicos : Bibliografia e obra 922.2

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

PRÓLOGO

Nos bastidores do Vaticano,
o futuro papa Bento XVI planeja
redimir um padre maldito 11
2001-2006

LIVRO PRIMEIRO

A CRUZ

1

É preciso dar um basta à anarquia:
padres vivem amancebados,
lobisomem corre solto no sertão 23
1844-1870

2

Visão da Última Ceia
muda rumo da história:
Belzebu não samba mais no Juazeiro 44
1871-1889

3

Mistérios no povoado perdido:
hóstia vira sangue,
beata fala com Jesus 65
1889

4

Beata sangra as chagas de Cristo.
Uns dizem que é graça de Deus;
outros, ardileza de Satanás 76
1890-1891

5

Bispo decreta investigação:
Deus sairia da Europa
para fazer milagres no agreste? 94
1891

6

Comissários do bispo diante da dúvida:
esse povo enlouqueceu
ou se abriram mesmo as portas do Céu? 112
1891

7

Bispo contesta inquérito:
Deus não é saltimbanco,
santa não mostra língua a ninguém 133
1891

8

Diocese confisca os paninhos
manchados de sangue:
“Mandaremos pelos ares esse Juazeiro” 149
1892

9

Padre anuncia o fim do mundo:
o sertão vai repetir
a maldição de Sodoma e Gomorra? 166
1892-1893

10

A Inquisição profere o veredicto.
Qual alucinado ousará
discordar do Vaticano? 186
1893-1895

11

Cinco cabras armados tentam
matar o padre rebelde.
Devotos clamam pelo Anjo da Vingança 209
1895-1897

12

Autoridades em polvorosa:
o herege do Juazeiro está mancomunado
com o lunático de Canudos? 227
1897-1898

13

Inquisidores interrogam
padre ameaçado de excomunhão.
Mas ele quer confabular
é com o papa 244
1898-1899

LIVRO SEGUNDO

A ESPADA

1

Sacerdotes juntam os cobres:
com quantos contos de réis
se compra um bispado? 275
1900-1908

2

Padre endiabrado
convoca povo para a guerra:
"Rifle, mais rifle e muito rifle!" 294
1908-1910

3

Aldeia proclama independência.
Paninhos manchados de sangue
viram objeto de barganha 315
1910-1911

4

"Quem bebeu não beba mais,
quem roubou não roube mais,
quem matou não mate mais" 331
1911-1913

5

Mil homens armados
iniciam o assalto ao Juazeiro:
"É hora de tocar fogo neste covil!" 350
1913

6

Moedas de bronze são derretidas
para fabricar a arma mortal:
é o canhão da Besta-Fera 366
1913-1914

7

Uma guerra santa tinge
de sangue o chão sertanejo:
"Por meu *Padim*, vou *inté pro Inferno*" 382
1914

8

Cangaceiro tempera cachaça
com os beijos do inimigo morto.
O que falta para o fim do mundo? 405
1914-1916

9

Devotos não entendem
aquele novo estrupício:
o *Padim* mandou acabarem as romarias 420
1916-1920

10

Em nome do progresso, um boi sagrado
é condenado à morte em praça pública 436
1920-1926

11

O dia em que Lampião foi convocado
para fazer guerra à Coluna Prestes 463
1926

12

O velho padre está quase cego.
Mas encontra forças para advertir:
Getúlio Vargas é mensageiro de Satanás 483
1927-1932

13

Cego, atormentado pelas dores,
o padre agoniza 502
1933-1934

EPÍLOGO

Uma nova guerra santa é declarada no sertão:
"O padre Cícero é antivírus
contra evangélicos" 514
2009

CRONOLOGIA 525

AGRADECIMENTOS 529

BIBLIOGRAFIA 533

CRÉDITOS DAS IMAGENS 541

ÍNDICE REMISSIVO 543

É preciso dar um basta à anarquia:
padres vivem amancebados,
lobisomem corre solto no sertão

1844-1870

Mais de 1800 anos após ter sido pregado numa cruz pelos soldados romanos no monte Gólgota, em Jerusalém, Jesus Cristo, o homem em cuja memória se fundou a Igreja que congrega mais de 2 bilhões de fiéis espalhados por todo o mundo, voltou à Terra. Nasceu de novo, na cidade do Crato, interior do Ceará. Cristo retornou na forma de um bebê sertanejo, com traços nitidamente caboclos, mas de cachinhos dourados e olhos azuis. O Menino Jesus redivivo chegou dos céus em meio a uma explosão de luz, com a força de mil sóis, no meio do sertão. Foi trazido por um anjo de asas cintilantes, que na mesma hora levou embora a filhinha recém-nascida de uma católica fervorosa, a cearense Joaquina Vicência Romana, mais conhecida como dona Quinô. De tão intenso, o clarão deixou a mulher temporariamente cega, bem na hora do parto, o que a impediu de perceber a troca das duas crianças. Como sinal de que era um iluminado, o menino santo acabava de regressar ao mundo em um 24 de março, véspera da data em que se celebra a Anunciação de Nossa Senhora, exatos nove meses antes do Natal.

Para muitos dos milhões de peregrinos que chegam hoje a Juazeiro do Norte, essa é a verdadeira história do nascimento do padre Cícero. Ele seria a reencarnação do próprio Cristo. A imaginação coletiva, disseminada de boca em boca e de geração em geração, encarregou-se de atribuir uma origem sagrada, não carnal, ao protetor dos romeiros. Com pequenas variações — às vezes é a própria Virgem, e não um anjo de luz, quem traz nos braços o Cristo menino de

volta à Terra — a crença na linhagem divina de Cícero foi igualmente reforçada por uma das mais autênticas expressões da tradição nordestina: os folhetos de cordel. Para os devotos mais enlevados, não há como pôr em dúvida aquilo que dizia o poeta João Mendes de Oliveira, contemporâneo de Cícero e autointitulado “historiador brasileiro e negociante”, um dos primeiros a enaltecer o sacerdote em rimas e versos:

*Perante a lei da verdade
não vou dizer nada à toa
Padrinho Cícero é uma pessoa
da Santíssima Trindade.*

De acordo com o que está disposto nos livros de batismos da Cúria do Crato, o menino Cícero Romão Batista nasceu naquela cidade cearense no dia 24 de março de 1844. A documentação dos cartórios e das sacristias pode ser mais objetiva do que a narrativa mítica. Mas não é menos sugestiva de significados nem deixa de ser alvo de controvérsias. Há quem aponte, mesmo aí, na letra firme do escrivão, a sombra de uma armadilha histórica: Cícero teria nascido no dia anterior, 23, e posteriormente alterado o próprio batistério para vincular sua origem à data litúrgica da Anunciação. Não há provas, contudo, que corroborem essa acusação específica de mitomania. O que se sabe ao certo é que o filho de dona Quinô e do pequeno comerciante Joaquim Romão Batista nasceu um caboclinho de longas orelhas de abano e, de fato, cabelos aloirados e um surpreendente par de olhos azuis — características que ajudaram a associar sua imagem ao Cristo caucasiano das gravuras de origem medieval, mas que na verdade foram herdadas dos antepassados portugueses da família, tanto do lado materno quanto do paterno.

O pai, Joaquim Romão, era o primogênito de um oficial da cavalaria que lutara ao lado das tropas brasileiras nas guerras dos tempos da Independência. A mãe, dona Quinô, trazia por sua vez a história de batalhas familiares marcadas por suplícios quase bíblicos. Suas seis irmãs, as tias de Cícero — Totonha, Donana, Azia, Teresinha, Tudinha e Vicência —, todas teriam sido defloradas pelo mesmo homem, o coronel José Francisco Pereira Maia, o Mainha, juiz de paz, delegado de polícia e deputado provincial pelo Crato.

Só ela, Quinô, teria resistido aos assédios sistemáticos do coronel, um ganhão que se gabava de ter colocado no mundo 82 rebentos, polígamo assumido desde que fora traído pela primeira esposa, uma mulher com fama de adúltera e nome de santa: Clara Angélica do Espírito Santo.

Por trás do balcão da lojinha da família, o pai de Cícero tirava o sustento da casa com a venda de artigos os mais variados, que iam de fechaduras de latão a chapéus para senhoras, de parafusos de ferro a gravatas de seda. Com o dinheiro que pingava no caixa, Joaquim Romão sempre cuidou de proporcionar boa educação ao único varão que o destino lhe concedeu, Cícero, o filho do meio entre as irmãs Maria Angélica, dois anos mais velha, e a caçula Angélica Vicência, cinco anos mais nova.

A tradição oral dá conta de um menino Cícero que construía casinhas de barro para as brincadeiras das irmãs, evitava as típicas estripulias da infância e não se juntava aos demais moleques da rua. Mas que gostava de subir em árvores e de pegar passarinhos, especialmente canários e patativas. Afora isso, vivia enfurnado em uma tenda que armava no quintal de casa, onde ficava sozinho durante horas, silencioso e ensimesmado, como se estivesse a rezar e a conversar com os anjos da guarda. A história da infância de Cícero, tema de inúmeros folhetos de cordel espalhados pelas feiras do sertão, foi sendo construída assim, por meio de relatos posteriores que buscavam abonar o mito e adivinhar indícios de uma hipotética predestinação. Em um velho folheto cuja autoria se perdeu nos desvãos do tempo, *A vida e os antigos sermões do padre Cícero Romão Batista*, o garoto é idealizado em um desses instantes de devoção prematura:

*Ele tinha cinco anos
era bem pequenininho,
à noite a mãe procurou,
não o achou no bercinho,
achou-o nos pés duma imagem
dormindo ajoelhadinho.*

Décadas mais tarde, em Juazeiro do Norte, os futuros romeiros disputariam avidamente uma singela fotografia de Cícero aos qua-

tro anos de idade. Milhares de cópias daquela imagem que se tornou célebre seriam espalhadas no sertão, apregoadas pelos vendedores de santinhos como uma relíquia sagrada. Nela, vê-se uma criança bochechuda que se equilibra em pé numa cadeira de palhinha, o cabelo partido ao meio, sapatinhos de verniz, roupa enfeitada com pregas e babados. Seria essa a primeira imagem de Cícero de que se tem notícia, por isso apreciada com afeição especial pelos devotos. A foto, porém, é flagrantemente falsa.

Quando Cícero completou quatro anos de idade, em 1848, a máquina fotográfica havia sido apresentada ao mundo apenas onze anos antes, na Europa, pelo inventor francês Louis-Jacques-Mandé Daguerre. No Ceará, ainda não existia quem houvesse visto um desses maravilhosos “daguerreótipos”, que faziam retratos como em um passe de mágica. Mesmo no Rio de Janeiro, então a capital do país, a fotografia ainda era uma espantosa novidade restrita aos membros da corte de d. Pedro II. O menino da foto não podia ser Cícero. Na verdade, era o pequeno Antônio Fernandes de Melo Costa, filho do poderoso coronel Manoel Fernandes da Costa, que viria a ser um dos grandes amigos do padre Cícero em Juazeiro do Norte. O instantâneo foi feito já no século xx. Quando, em 1945, homem-feito e residente em Maceió, Antônio Fernandes viajou ao Ceará para visitar o túmulo do pai em Juazeiro, surpreendeu-se ao ver sua foto de criança nas mãos dos romeiros, transformada em objeto de culto.

Cícero começou a soletrar as primeiras sílabas aos seis anos, sob as vistas e a palmatória do bigodudo professor Rufino de Alcântara Montezuma, respeitado mestre-escola da cidade. Um pouco mais crescido, aos doze anos, o rapazote passou a estudar na escola régia de um parente próximo da família, João Marrocos Teles, um padre amancebado e pai de família, em cujo sobrado aprendeu a decifrar os segredos do latim.

As prédicas do padre e latinista João Marrocos, assim como as rezas de dona Quinô, deixaram marcas profundas na formação do menino. Também exerceram grande influência sobre ele as pregações de José Antônio Pereira Ibiapina, um ex-advogado criminalista de cenho grave que largara a toga e passara a envergar a batina bem

tarde, aos 47 anos de idade. Após descobrir a vocação sacerdotal, Ibiapina se desfez dos livros jurídicos, trocou o sobrenome Pereira pelo de Maria e conseguiu ser ordenado no Seminário de Olinda. A partir de então, padre José Antônio de Maria Ibiapina cruzaria os sertões nordestinos a pé, de ponta a ponta, erigindo capelas, erigindo escolas, construindo açudes, abrindo hospitais para os pobres, sempre em regime de mutirão. Suas chamadas casas de caridade — instituições sociais dedicadas a educar e doutrinar meninas órfãs, ensinando-as a ler, a adorar a Deus e a desenvolver ofícios manuais — espalharam-se por toda a região.

Sempre baseado no binômio oração e trabalho, o padre e educador de pele queimada pelo sol do sertão serviu de modelo para a futura prática pastoral de Cícero. Como este repetiria mais tarde, Ibiapina recrutou homens e mulheres das camadas mais despossuídas da população e, com eles, fundou uma nova ordem religiosa, a dos beatos e beatas, que se proliferou Nordeste afora e seria mantida à margem da Igreja oficial. Mesmo sem a devida autorização, o missionário fornecia a leigos o hábito característico que nunca mais largariam — uma túnica escura e comprida até o chão, com a qual pediam esmolas para ajudar os necessitados, pregavam o Evangelho e cuidavam dos serviços sagrados, como a celebração de novenas e terços. Foi em fevereiro de 1865, na inauguração da casa de caridade de Missão Velha, vila próxima ao Crato, que o jovem Cícero Romão conheceu pessoalmente o padre Ibiapina. Ficou fascinado pelo verbo eloquente e pelo carisma daquele reformador de costumes.

Mas, segundo o próprio Cícero dizia, a vocação religiosa revelara-se para ele bem antes. Um livro que lhe caíra nas mãos aos doze anos de idade teria mudado, desde então, os rumos de sua vida. Foi o momento de sua hierofania, o instante em que o sagrado se manifestou a ele pela primeira vez: “Pela leitura que nesse tempo fiz da vida imaculada de São Francisco de Sales, conservei a minha virgindade e castidade”. Cícero se referia ao livro *Filoteia ou Introdução à vida devota*, a obra mais popular do bispo-príncipe de Genebra que, no século XVI, logo após a Reforma Protestante, se notabilizou por reconverter ao catolicismo milhares de calvinistas. A obra, um manual de iniciação cristã destinado à educação dos jovens, pregava a necessidade da castidade do corpo e da alma. “Os corpos humanos são semelhantes aos vidros que não podem se tocar sem o risco de

se quebrarem, e com as frutas maduras que ficam manchadas quando se põem umas sobre as outras”, advertia são Francisco de Sales.

Após quatro anos recebendo as lições do padre João Marrocos, Cícero acabou sendo enviado ao colégio de outro sacerdote, o padre Inácio de Sousa Rolim, um poliglota que recusou a honra de ministrar uma cadeira no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, para montar sua própria escola em pleno sertão, às margens do rio do Peixe, em torno da qual foi crescendo a cidade paraibana de Cajazeiras, a dezenove léguas — cerca de 120 quilômetros — do Crato. Cícero permaneceu como aluno interno, sob os cuidados do padre Rolim, por dois anos. Mas, tão logo completou dezoito anos de idade, uma notícia funesta obrigou-o a retornar ao Crato: o velho Joaquim Romão havia morrido. O pai de Cícero foi uma das 1100 vidas que uma terrível epidemia de cólera-morbo ceifou no Crato, naquele ano da desgraça de 1862.

Com fome insaciável, o cólera arrebanhou, ao todo, 11 mil almas pela capital e sertões do Ceará. O pânico se estabeleceu entre os sobreviventes, que creditavam a tragédia a um severo castigo dos céus. Havia relatos de doentes sepultados vivos em valas comuns depois de abandonados pela família e mandados antes da hora para o cemitério, por medo de um possível contágio. Com a falta de cozeiros em número suficiente para dar conta de tamanha tarefa, o serviço de enterramento era feito por condenados pela Justiça, em troca de goles de cachaça e do perdão de suas penas. No Crato, a exemplo de outras cidades do interior cearense, o horror diante da moléstia incentivava numerosas procissões de penitência. Noite e dia, viam-se multidões de fiéis entoando litanias desesperadas pela rua. Uns seguiam com volumosas pedras sobre a cabeça; outros se flagelavam, açoitando as próprias costas com chicotes de couro cru, na ponta dos quais eram amarradas as “disciplinas”, lâminas de ferro afiadas e dentadas. Foi nesse cenário aterrador que o rapaz Cícero Romão, agora órfão de pai, teve de voltar para casa.

No retorno ao lar, encontrou a mãe às voltas com a tarefa de sustentar as duas outras bocas da família: Maria Angélica, então com vinte anos, e a menina Angélica Vicência, com treze. O falecido Joaquim Romão deixara poucos bens de herança — um boi, quatro vacas, duas novilhas, dez bezerros, duas escravas, uma casa de tijolos, a escritura de alguns palmos de chão. E muitas, muitas dívidas

na praça. Devia mais de um conto de réis aos fornecedores de bugi-gangas e mercadorias. Não era pouco. Representava um valor equivalente a todo o orçamento calculado pelo governo da província do Ceará para a necessária reforma do cemitério de Fortaleza, tornado pequeno diante do número de mortos deixados pelo cólera. Feito o inventário, constatou-se a cruel aritmética dos livros-caixa: Joaquim Romão morrera falido, completamente quebrado.

Com a morte do marido, a viúva Quinô não tinha como manter o filho estudando em Cajazeiras, longe do Crato. Tudo levava a crer que a aspiração do jovem Cícero em prosseguir nos estudos viria a ser sepultada na mesma cova em que descansariam, para sempre, os ossos do pai. Foi o padrinho de crisma, o coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, quem socorreu o moço naquele instante de incerteza e aflição. Homem poderoso do lugar, rico comerciante, o coronel Alves Pequeno se compadeceu da míngua em que vivia a família do falecido compadre Romão. E, em especial, ficou bastante impressionado com uma história singular, narrada de viva voz pelo afilhado.

Cícero contou ao padrinho que naqueles dias, bem tarde da noite, estava deitado no fundo da rede estendida de uma parede a outra da sala quando ouviu o som de leves passos dentro de casa. Erguera-se e, entre o sono e a vigília, com aqueles mesmos olhos que um dia a terra haveria de comer, disse ter visto a imagem do finado Joaquim Romão, ali na sua frente, bruxuleando à luz da lamparina. Da eterna mansão dos mortos, o velho teria lhe trazido um pedido e, ao mesmo tempo, um consolo em forma de profecia: o filho não deveria desistir, um só minuto que fosse, do bom caminho dos livros.

“Deus haverá de dar um jeito”, teria lhe garantido a visão.

O coronel Alves Pequeno ficou admirado diante do relato fantasmagórico. Para ele, bastava retirar alguns cobres da algibeira e concretizar o desejo do compadre morto. Dinheiro, tratando-se do coronel, nunca fora problema. E quando andam juntas, diz-se no sertão, a fé e a boa vontade fazem o longe ficar perto. Foi assim que, devidamente financiado pelo padrinho, graças à suposta visão, Cícero arrumou as trouxas, pegou a estrada de terra e tomou de volta o rumo de Cajazeiras, onde concluiu os estudos elementares no colégio do padre Rolim.

O coronel Pequeno arrebanhava homens tanto para a cruz quanto para a espada. Em 1865, financiou a ida de vinte jovens cra-

tenses, recrutados no laço, para lutar na sangrenta Guerra do Paraguai. Naquele mesmo ano, ainda sob as asas protetoras do padrinho, o nome de Cícero Romão Batista figurou no livro de matrículas da turma inaugural do Seminário da Prainha, a primeira escola de nível superior do Ceará. Um casarão de dois pavimentos e solenes janelões voltados para o mar esverdeado de Fortaleza. Ali, o rapaz de 21 anos, acostumado à religiosidade popular dos beatos do andarilho Ibiapina, logo entraria em choque com a rigidez de seus novos professores.

Quando avistou do mar o porto de Fortaleza, em setembro de 1861, dom Luiz Antônio dos Santos trazia, além da mitra branca sobre a cabeça e do dourado cajado episcopal nas mãos, um respeitável diploma dentro da mala: ele era, aos 44 anos, um dos três únicos religiosos brasileiros a portar o título de doutor em direito canônico por Roma. Com 25 anos dedicados ao sacerdócio, dom Luiz deixara a reitoria do Seminário de Mariana, em Minas Gerais, para assumir o cargo de primeiro bispo do Ceará. Era um dia histórico para a província. Até 1854, a Igreja cearense estivera subordinada à diocese de Olinda, em Pernambuco. À frente do novo cargo e do novo bispado, a missão de dom Luiz não era pequena.

As longas distâncias entre a antiga sede episcopal e os milhares de cristãos desgarrados pelo sertão provocaram um vazio nas relações entre fiéis e clero. Raros eram os momentos em que os chamados padres visitantes se dispunham a sair do refrigério dos centros urbanos, enfrentando os perigos e as extensões sertanejas, para se embrenharem no interior da caatinga, onde reinava a lei do punhal e do bacamarte. Naqueles confins dominados por latifundiários e cangaceiros, quase nunca se rezavam missas ou se ministravam outros sacramentos além do batismo, pela simples ausência de um número suficiente de párocos para fazê-lo. Em todo o Ceará, só havia 33 padres para cobrir as quase 5 mil léguas quadradas que compreendiam o território da província.

Tal vácuo deu origem a uma religiosidade espontânea no meio do povo, um misticismo rico em manifestações, mas pouco afeito ao controle e aos rituais da Igreja oficial. O menino Cícero nascera e crescera exatamente naquele mundo, em que práticas medievais